



Cibercultura e processo formativo: educação pela web no Campus Sertão da UFAL¹

Felipe de Paula SOUZA²
Ceciliana Trajano TOLEDO³

Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, AL

RESUMO

No início das atividades do Campus Sertão, houve a percepção a respeito do distanciamento que os discentes possuíam das novas tecnologias. A utilização das Redes Sociais ocorria apenas como mero entretenimento. Este texto objetiva, portanto, apresentar um relato de experiência que colabore com o entendimento do uso das novas tecnologias em sala de aula – e além dela. Discutir a relação que as tecnologias estabelecem com praticamente todos os campos da vida moderna é garantia de entendimento sobre a sociedade e, destarte, colaborar com aquilo que deve ser uma das atenções mais fundamentais da universidade: ampliar e oportunizar o acesso ao conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: cibercultura; educação; comunicação; coletivos; redes.

1. Introdução

A sociedade atual tem vivido imersa em uma constante evolução dos processos de comunicação e informação. A troca de informações experimentada na contemporaneidade é intensa. Todo indivíduo vivente nos dias hodiernos, independente de sua origem, posição social ou grau de instrução, tem sua vida afetada de maneira significativa por essa realidade. Lévy (2008, p. 13) fala no “segundo dilúvio” – o informacional, e nesse agitado e constantemente atualizado oceano de dados, a analogia do navegar já parece desatualizada – o surfar, com suas manobras ágeis e bruscas mudanças de direção, parece ser o ato mais adequado na comparação com a relação que o homem estabelece com a informação.

A presença maciça das novas tecnologias tem proporcionado ao vivente da atualidade uma completa ressignificação de suas relações – com o mundo, com os seus pares, com seus conceitos e até mesmo com as suas emoções. A web, expoente máximo

¹ Trabalho apresentado no DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de junho de 2011.

² Professor da UFAL – Universidade Federal de Alagoas, Campus Sertão, email: felipedepaula81@gmail.com.

³ Graduanda em Letras na UFAL – Universidade Federal de Alagoas, Campus Sertão, Monitora da disciplina Lógica, Informática e Comunicação. email: cecilianattoledo@gmail.com



das chamadas novas tecnologias⁴, possibilita ao seu usuário a oportunidade de traçar seus caminhos, de buscar aquilo que lhe interessa, no caminho do pleno entendimento com as novas reflexões sobre a comunicação – que entende que esta só se concretiza no momento em que o receptor toma para si algo que está no espaço de interação dialógico. (Marcondes Filho, 2008)

O ato de tomar algo para si passa objetivamente por uma expressão de subjetividades, por um processo decisório. Traçando seu percurso através do hipertexto, o usuário da internet procura encontrar aquele caminho que melhor satisfaça seus anseios, suas emoções naquele momento.

O processo de transformação contínuo, de intensa rapidez, faz com que a universidade tenha postura ativa na sociedade. Através da ação pedagógica, oferecer estratégias articuladas para que o educando se inclua adequadamente nesta sociedade do conhecimento.

O percurso individualizado e acessível através de extrema liberdade de trajetória faz com que a relação do estudante *digital* com o conhecimento seja inovada. Caem por terra as antigas noções de poder, de acessibilidade, do aluno *sem luz*. O diagrama da informação deixa de ser unilateral e passa a ser constituído por múltiplos centros formadores, em uma intrincada rede que permite o fluxo (*quase*)⁵ livre da informação. A ideia de um professor *proprietário* do conhecimento dá lugar a um grupo de debates consciente e capaz de buscar, avaliar, questionar e produzir um novo conhecimento de base interacional.

Vale a pena repetir que a maior parte dos programas atuais desempenha um papel de tecnologia intelectual: eles organizam, de uma forma ou de outra, a visão de mundo de seus usuários e modificam seus reflexos mentais. (LÉVY. 2004, p. 54).

No momento em que o estudante recebe os dados, as informações, as coleta e as apreende, é iniciado um processo de construção de suas próprias ponderações a respeito destas – em um método dialógico com a bagagem de conhecimentos prévios. Agindo assim, com a contribuição do acesso facilitado a informação através da cibercultura, o conhecimento não fica estático, pois o estudante consegue relacionar esses aprendizados com suas vivências cotidianas.

⁴ Embora já praticamente inserido no “senso comum” acadêmico, o termo “novas” deve ser visto como passível de reflexão. Quando se fala em internet, deve-se considerar que a mesma é parte integrante de um processo de cerca de quarenta anos. Ver Castells (2009, p. 82-91)

⁵ É importante perceber que a democratização do acesso a informação não anulou por completo as influências do poder sobre a informação.



As chamadas novas tecnologias da informação e da comunicação são parte de um assunto bastante instigante para pesquisas contemporâneas. Composto não apenas um cenário tecnicista, mas – sob a ótica aqui pensada – cultural por essência, essa “segunda vida” é parte intrínseca da vida de praticamente todos os indivíduos, como já destacado nesse texto. Felinto (2005, p.7) diz:

Vivemos em uma cultura tecnológica. Telefones, televisores, câmeras digitais, aparelhos de fax e computadores fazem parte do vasto repertório de objetos tecnológicos com os quais lidamos cotidianamente. Eles se tornaram tão corriqueiros que muitas vezes nem nos damos conta de sua importância em nossa vida.

Aquele que inicia seus passos nos caminhos acadêmicos, de atuação crítica perante a sociedade em que vive, independente de sua área de formação deve estar atento para as possibilidades e os impactos dessas tecnologias na modernidade. Diante desta situação, o projeto pedagógico da interiorização da UFAL parece ciente de tal realidade e destina um espaço para que os graduandos vivenciem de maneira adequada a sua relação com a cibercultura.

O *tronco inicial*, momento vivido pelos discentes da interiorização da UFAL, é composto, entre outras disciplinas, por 120 horas destinadas a *Lógica, informática e comunicação*. Mais do que uma simples disciplina, essa verdadeira *área de estudo* se destina a, segundo a ementa: Oferta de instrumentos básicos requeridos pelo cursar da graduação universitária, fundamentalmente, usos da linguagem, indução e dedução, novas tecnologias de comunicação, usos do computador e da internet, expressão escrita, análise, interpretação e crítica textual.

Observando os projetos pedagógicos dos cursos do Campus Sertão, percebe-se facilmente a ênfase no desenvolvimento de competências. De acordo com as novas diretrizes curriculares do país, o processo ensino-aprendizagem deve ser focado na atitude de desenvolver competências e habilidades do discente – fugindo do reducionismo de se amarrar o processo educacional a simplesmente aplicação de conteúdos.

O objetivo então é fazer com que os alunos experimentem uma inclusão digital, definida aqui não simplesmente como o desenvolvimento de habilidades operacionais de softwares, mas sim de uma experiência reflexiva que os possibilite perceber quais são as oportunidades e relações de poder presentes no jogo informativo dos três campos principais da área de estudos.



Para desenvolver tais competências e habilidades, em meio a um discurso tão *digitalizado*, o entendimento é de que é fundamental que os alunos vivenciem na prática aquilo que teorizam de maneira tão intensa em sala de aula. Não há a possibilidade de se discutir conectividade, hipertexto, coletivos inteligentes e redes sociais sem que os alunos experimentem efetivamente tais conceitos.

Há a necessidade, nos tempos hodiernos, no desenvolvimento pedagógico de competências no estudante. Os sinais da competência, do aprendizado, do domínio técnico-instrumental de atividades, podem ser divulgados através do ciberespaço. A socialização de saberes do meio virtual contribui fortemente para o aperfeiçoamento da capacitação e da ampliação das competências daquele que traça seu percurso formativo. Ou, conforme Lévy:

Paralelamente aos diplomas, é preciso imaginar modos de reconhecimento dos saberes que possam prestar-se a uma exposição na rede da oferta de competência e a uma conduta dinâmica retroativa da oferta pela demanda. (LÉVY. 2008, p. 176).

Logo de início, houve a percepção a respeito do distanciamento que os discentes sertanejos possuíam das novas tecnologias. A utilização das Redes Sociais ocorre – quando isso acontece – apenas como mero entretenimento e sem a perspectiva dos chamados *coletivos inteligentes*, discutidos por Lévy (2008). Encontrar alunos que nem ao menos possuíam e-mails, infelizmente, era habitual. Enfim, a vivência dessa digitalização contemporânea constituía-se em algo impendente.

A alternativa institucionalizada era o Moodle. Logo no início das atividades do Campus Sertão, em março de 2010, tal ferramenta foi disponibilizada aos docentes. Embora reconhecendo as qualidades do Moodle para atividades em meio digital dos estudantes, naquele momento houve a necessidade de dar um passo mais extenso em abrangência. O pensamento que surgiu foi o de usar ferramentas mais simples com a finalidade de ampliar a percepção dos discentes no que diz respeito ao uso das novas tecnologias na busca do conhecimento e no processo educacional. O Moodle era, ao menos momentaneamente, deixado de lado e entravam em cena redes sociais como o Orkut e o Twitter, ou ferramentas de produção de blogs pessoais. A Web 2.0⁶, já componente da realidade de boa parte dos alunos, seria responsável por ampliar a discussão. A crença era, naquele momento, a de que seria mais impactante perceber potencial educativo naquilo que já é usado no dia a dia do que a aventura em um

⁶ Momento em que os usuários passaram a ter a possibilidade de se “auto-publicar”. Blogs e redes sociais são seus maiores expoentes.



ambiente novo e de caráter distante das práticas cotidianas da quase totalidade dos envolvidos no processo.

Este texto objetiva, portanto, apresentar um relato de experiência que colabore com o entendimento do uso das novas tecnologias em sala de aula – e além dela. Discutir a relação que as tecnologias estabelecem com praticamente todos os campos da vida moderna é garantia de obter percepção mais precisa sobre toda a sociedade e, destarte, colaborar com aquilo que deve ser uma das atenções mais fundamentais da universidade: ampliar e oportunizar o acesso ao conhecimento.

2. Pensar a web

A sociedade contemporânea vive fortemente permeada pelas chamadas novas tecnologias da comunicação e da informação. E, para o indivíduo constituinte dessa realidade, isso representa viver em meio a uma verdadeira “avalanche informacional”. A ideia hoje é viver em meio a uma infinidade de informações – verdadeiras, ou não⁷ – e aprender a lidar a seletividade exigida ao novo leitor. Lévy (2008, p.13) ilustra bem esse contexto:

As telecomunicações geram esse novo dilúvio por conta da natureza exponencial, explosiva e caótica de seu crescimento. A quantidade bruta de dados disponíveis se multiplica e acelera. A densidade dos links entre as informações aumenta vertiginosamente nos bancos de dados, nos hipertextos e nas redes. (...) É o transbordamento caótico das informações, a inundação de dados, as águas tumultuosas e os turbilhões da comunicação.

Praticamente não há hoje um indivíduo que se possa dizer inteiramente alheio às novas tecnologias, livre do contato com os elementos da ampla rede que abrange o globo. Por mais que não possua um e-mail ou frequente redes sociais, todos acabam dependendo direta ou indiretamente de algum elemento da cibercultura, dessas novas tecnologias.

Essa nova forma de pensar – e fazer – comunicação, instaura uma estrutura nunca antes experimentada. Hoje, qualquer indivíduo pode produzir e publicar informações sobre qualquer coisa – no momento em que elas acontecem. Formatos diversos são experimentados e a adição e a colaboração em rede auxiliam na reconfiguração da indústria cultural.

⁷ Discussão intensamente oportunizada aos discentes do Campus Sertão, na disciplina *Lógica, informática e comunicação*, através das ponderações e debates realizados tendo como base conceitos da Lógica aristotélica.



E o que é fundamentalmente a web diante desse contexto: um grande espaço de interação. Com finalidades diversas, como encontros (profissionais, educacionais, sexuais, etc), troca de informações, lazer, estudo, etc, a web se constitui, essencialmente, em um grande espaço de interação.

É evidente que esse espaço de interação tem sua vertente extremamente positiva, principalmente naquilo que diz respeito a oportunizar o acesso e o compartilhamento de informações por todo o globo. Há, contudo, quem questione e levante problemas dentro do raciocínio de tal temática. Para Zygmunt Bauman (2008, p.13) as pessoas, hoje,

Fazem o máximo possível e usam os melhores recursos que têm à disposição para aumentar o valor de mercado dos produtos que estão vendendo. E os produtos que são encorajadas a colocar no mercado, promover e vender são *elas mesmas*. São, ao mesmo tempo, os promotores *das mercadorias e as mercadorias que promovem*. São, simultaneamente, o produto e seus agentes de marketing, os bens e seus vendedores.

O pensamento de Bauman não condena, contudo atenta para o processo de coisificação que temos experimentado. Já Andrew Keen (2009) radicaliza o processo. O autor acusa um mau uso das tecnologias, voltado exclusivamente ao narcisismo vazio e pouco colaborativo – opondo-se a ideia da Web 2.0, a qual, segundo ele, só contribuiu para uma desvirtuação de valores.

O *New York Times* noticia que 50% de todos os blogueiros blogam com o propósito exclusivo de relatar e partilhar experiências sobre suas vidas pessoais. O slogan do YouTube é “Transmita-se a si mesmo”. E transmitir a nós mesmos é o que fazemos, com toda a auto-admiração desavergonhada do Narciso mítico. À medida que a mídia convencional tradicional é substituída por uma imprensa personalizada, a internet torna-se um espelho de nós mesmos. Em vez de usá-la para buscar notícias, informação ou cultura, nós a usamos para *SERMOS* de fato a notícia, a informação, a cultura. (KEEN. 2009, p.12)

Independente de concordar ou não, é interessante refletir sobre a variedade prismática que se vivencia hoje. O que os dois autores apresentam, e que é de interesse para este artigo, é que, além de um espaço de interação, a web é, fundamentalmente, espaço de expressão de subjetividades, de individualidades. E, tal situação, oportuniza uma variação da relação com o conhecimento. Se antes o indivíduo deveria ir à busca da chamada *grande mídia* para se dizer informado, hoje cada usuário da rede é um potencial gerador de informação, formador de opinião. Se, como afirma Keen, deixa-se de usar a rede para *buscar informação* e esse usuário passa a *ser a informação*, é preciso que se atente cuidadosamente para a relação com a educação.



Novas maneiras de pensar e de conviver estão sendo elaboradas no mundo das telecomunicações e da informática. As relações entre os homens, o trabalho, a própria inteligência dependem, na verdade, da metamorfose incessante de dispositivos informacionais de todos os tipos. (LÉVY. 2004, p. 7)

A ideia de *ser a informação* pode ser lida não apenas como forma de auto-exposição. A cibercultura permite que todo aquele que tenha acesso a uma máquina conectada a rede seja um potencial produtor de conteúdo, um produtor de informação. O meio digital pasteuriza as informações, misturando no mesmo caldeirão uma infinidade de fontes, exigindo um leitor ciente disso e engajado nesse movimento de socialização.

Pierre Lévy (2008) fala nos *coletivos inteligentes*, os quais, segundo ele, não são originários do ciberespaço, mas encontram neste um ambiente propício para seu desenvolvimento. No tópico seguinte, tal conceito é discutido mais detalhadamente.

2.1. Coletivos inteligentes

Pensar a produção e o compartilhamento dos saberes na realidade aqui discutida perpassa pelo entendimento dos coletivos inteligentes. Embora costumeiramente associado com um termo dos estudos da cibercultura, seu funcionamento não provém diretamente desta. Para entender um coletivo inteligente, basta simplesmente ter em mente a ideia da troca obtida num diálogo – a materialização do dito que “duas cabeças pensam melhor do que uma”.

Embora não dependa deste, os coletivos inteligentes encontram no meio digital um ambiente favorável a sua materialização. Sem a estrutura das vias digitais seria complicada a união de saberes separados por longos espaços geográficos instantaneamente unidos por um e-mail ou algo semelhante.

Para Lévy (2008) a cibercultura é construtora de uma memória coletiva mais dinâmica do que a habitual. Da construção de conteúdos monopolizada, pautada em uma opinião, um ponto de vista, da construção bibliográfica fechada, passa-se a uma rede de computadores, com uma história construída em ato contínuo. Não mais por um autor, “dono” do conhecimento, mas por uma coletividade que oferece a multiplicidade de saberes e visões. Ganha-se então a dinamicidade peculiar da cultura humana, atualizada cotidianamente por todos os atores sociais.

Os coletivos inteligentes se constituem em um estudo bastante estimulante, pois até mesmo um de seus principais teóricos, Pierre Lévy (2008, p.131) lança provocações



interessantes: “Todos reconhecem que o melhor uso que podemos fazer do ciberespaço é colocar em sinergia os saberes, as imaginações, as energias espirituais daqueles que estão conectados a ele. Mas em que perspectiva? De acordo com que modelo?”

O filósofo questiona qual o modo de administrar esse potencial criativo. Haveria um poder controlador? Cada elemento seria um neurônio de um grande cérebro ou o todo seria constituído de milhares de pequenos cérebros que, juntos, produzem conhecimento?

Erick Felinto (2005) critica a linha de pensamento que estimula e promove aquilo que, segundo ele, é uma mitificação do tecnológico. O processo de discussão realizado a partir da relação entre as tecnologias do imaginário e o imaginário tecnológico⁸ acaba estimulando uma

Abundância de metáforas, comparações, argumentos e analogias de origem religiosa nos discursos promotores da cibercultura (*que*) denuncia o pacto que ali se trava entre uma certa espécie de ciência (tecnociência) e uma certa forma de religiosidade. (FELINTO. 2005, p. 94 – grifo nosso)

Segundo o autor, é nessa relação caótica de analogias, num mundo de fantasias míticas que Lévy defende a ideia de inteligência coletiva. Para ele,

Enquanto o discurso sobre as novas tecnologias continuar presa desse imaginário tecnológico, estaremos aprisionados na estrutura do mito, que, se por um lado também é uma forma de compreensão, não permite ainda alçar-nos ao nível de criticidade desejada. (FELINTO. 2005, P. 98)

Enfim, além de se arriscar respostas objetivas – coisa que nem mesmo Lévy fez – o mais conveniente diante dessa situação é perceber as novas configurações da produção e compartilhamento do conhecimento. Independente da real ou ideal configuração que esses coletivos tomem, o importante é perceber que a forma de se produzir conhecimento não é mais a mesma, está se reconfigurando e cada um dos indivíduos viventes nessa realidade é responsável por desenhar essa trajetória.

Esse tipo de mentalidade, do desenvolvimento de uma responsabilidade sobre a produção de conhecimento contemporânea tem sido amplamente trabalhado e discutido com os discentes do Campus Sertão da UFAL. Teorizações fundamentadas por leituras de autores expoentes da área são fortemente enriquecidas através da experimentação prática de um coletivo inteligente nas comunidades virtuais do Orkut.

⁸ Tecnologias do imaginário são as tecnologias da comunicação e da informação que tem a capacidade de exercitar os sentidos e alimentar a atividade do imaginário (Cinema, Televisão, Rádio, Internet, etc.). Imaginário tecnológico é a reunião das representações culturais que são induzidas pelas tecnologias do imaginário.



O estudante que participa ativamente das comunidades tem se mostrado, durante esse primeiro ano de atividades, mais ativo na busca pelos saberes, associando percepções de mundo mais amplas a partir das discussões teóricas em sala. A vivência dos coletivos, do processo de produção e compartilhamento do conhecimento na coletividade, tem sido enriquecedora para todos os envolvidos, sejam eles discentes ou docentes.

3. Usuários e a rede

Conforme já afirmado nesse texto, a realidade digitalizada em que se vive na contemporaneidade tem impactos diretos em diversos elementos dos indivíduos. A educação não foge a essa regra. Lévy (2008) afirma que, antes de qualquer pensamento, deve-se fazer uma análise cuidadosa da relação contemporânea com o saber:

A primeira constatação diz respeito à velocidade de surgimento e de renovação dos saberes. Pela primeira vez na história da humanidade, a maioria das competências adquiridas por uma pessoa no início de seu percurso profissional estarão obsoletas no fim de sua carreira. A segunda constatação (...) diz respeito a natureza do trabalho. (...) Trabalhar quer dizer, cada vez mais, aprender, transmitir saberes e produzir conhecimentos. Terceira constatação: o ciberespaço suporta tecnologias que amplificam, exteriorizam e modificam funções cognitivas humanas. (LÉVY. 2008, p. 157)

Diferente de outros meios, a web estabelece uma forte relação com o usuário. O conteúdo, fundamentalmente após o advento da web 2.0, é intensamente fomentado por todos aqueles que a acessam e tem a condição de gerar conhecimento.

É fundamental, com a web, pensar na produção do conhecimento não apenas formalizado, “culto”, superior. A simples expressão individualizada, de emoções, experiências, subjetividades, também são potenciais formadores de conhecimentos e informações.

A web 2.0 permite a elevação da experiência de subjetividades na cibercultura. O próprio desenho do hipertexto, onde o usuário determina seus próprios caminhos – os quais se desdobram em uma série de outras possibilidades determinadas pela primeira escolha, faz com que a subjetividade seja exacerbada. Na web 2.0, com a auto-publicação, a internet torna-se – como dito por Keen (2009), um espelho de nós



mesmos. Projeta-se a melhor imagem, a melhor faceta. Exercitam-se reinvenções contínuas de quem se é e se busca ser. Experimenta-se, portanto, sentimentos.

A web traz para seu usuário uma vivência contraposta a característica “fria” das máquinas que a controlam. A vivência da web 2.0 é no sentido de permitir a experimentação dos sentimentos. Uma conversa romântica pode ruborizar a pele, o sexo proporciona prazer, talvez não da mesma forma que o habitual, mas algo de positivo sugere aos praticantes, um jogo on line pode servir para relaxar, descarregar as tensões, e, uma música ouvida na web pode fazer com que se experimente uma série de sensações. E, estas sensações, quando exteriorizadas através da publicação na web são geradores de conhecimentos e informações.

A percepção de que qualquer usuário pode ser potencial gerador de conteúdo é algo que sempre esteve destacado no planejamento das atividades de ensino da disciplina *Lógica, informática e comunicação*. O discente sertanejo, habitualmente se mostrava distanciado das novas tecnologias. Diversos não possuíam sequer endereço eletrônico e utilizavam redes sociais apenas com caráter de entretenimento. O foco fundamental foi então criar a mentalidade de exploração do universo virtual, valorizando a auto-imagem dos novos universitários enquanto potenciais colaboradores na produção de conteúdo. O sertão alagoano, assim como nos índices sociais, é consideravelmente carente na quantidade e na qualidade das informações disponíveis sobre a região na web. Esses universitários, então, teriam o poder de alimentar a rede. O que faltava apenas era o processo de discussão para dar um início a essa atividade. Percebeu-se então que a utilização de redes sociais e de blogs – elementos que já mantinham relativa proximidade com os estudantes – como importantes aliados nessa ação.

4. Comunidades no Orkut e repercussão

A Universidade Federal de Alagoas, com sua interiorização, propôs a constituição de um projeto pedagógico diferenciado, dividindo os cursos em troncos e eixos, buscando valorizar a interdisciplinaridade. Diante de tal realidade, no Campus Sertão, atentou-se para a possibilidade de utilização do Orkut como integrante da aprendizagem dos discentes.

Trazer à tona tal experiência tem como objetivo fundamental refletir a respeito da potencialidade de se utilizar redes sociais na educação – através de uma



aprendizagem colaborativa, rompendo com a visão utilitarista que diversos discentes têm dessas ferramentas como mero entretenimento.

Em março de 2010, ainda nos primeiros momentos do Campus, foi criada uma comunidade no Orkut com o nome da disciplina: *Lógica, Informática e Comunicação*. Os alunos receberam por e-mail o link da comunidade e foram convidados a se inscrever, seguindo algumas regras simples. A princípio, a orientação era a de que aquele espaço em meio virtual serviria para ampliar as discussões realizadas em sala de aula através de tópicos direcionados com questões disparadoras de debates formuladas pelo professor. Contudo, além de responder aos tópicos criados pelo docente da disciplina, os alunos foram instigados a debater com os colegas a partir das postagens e também a criar tópicos que lhes parecessem convenientes dentro das temáticas trabalhadas pela disciplina.

A participação dos alunos, desde o princípio, foi bastante proveitosa. Houve o envolvimento ativo nas respostas dos tópicos. Percebeu-se, porém, um relativo melindre nas primeiras participações, com postagens extremamente objetivas, demonstrando uma preocupação com a ideia de tornarem públicas suas opiniões. Com o passar do tempo, contudo, as postagens ficaram mais amplas e desenvolvidas em conteúdo.

Um fato que gratificou a iniciativa de criar a comunidade foi perceber que o efeito se alastrou também para outras disciplinas. A partir da experiência da disciplina *Lógica, informática e comunicação*, diversos casos de coletivos inteligentes passaram a existir no Campus e a colaborar com o aperfeiçoamento da assimilação das temáticas discutidas. Hoje, os discentes do Campus têm a oportunidade de exercitar seus conhecimentos produzidos em sala de aula, leituras e afins em debates em comunidades virtuais. O compartilhamento de conhecimento em meio digital colabora de maneira intensa para a percepção dos estudantes da importância do domínio das ferramentas que o meio digital oferece na contemporaneidade.

Outro elemento que colaborou fortemente para o desenvolvimento da percepção dos estudantes, no que diz respeito a ser produtor de informação, foi a produção de blogs. As turmas são levadas ao laboratório de informática da UFAL e lá são apresentados a sites gerenciadores de blogs. Cada estudante é responsável, como parte da disciplina e de seu processo avaliativo, por produzir um blog na internet. A título de experiência e com o objetivo de avaliar o entendimento da potencialidade da ferramenta, a temática a ser abrangida pelos blogs é inteiramente livre. Os estudantes acabam surpreendendo a cada processo de criação, pois em meio a alguns blogs de



caráter pessoal, costumeiramente surgem blogs de linha informativa, com o intuito de “apresentar a realidade local” – palavra habitualmente utilizada por eles. É interessante perceber tal reflexão em universitários que não tem relação com a comunicação social (no caso, graduandos em história e geografia – licenciaturas). A partir das discussões em sala, estes estudantes percebem que aquela ferramenta que está sendo disponibilizada tem o poder de mostrar ao mundo a realidade local. E a importância disso está sendo consideravelmente valorizada entre os estudantes, caracterizando um estímulo ao sentimento de pertencimento e de identidade local.

No caso específico da comunidade no Orkut, com mais de uma centena de alunos participando ativamente da comunidade, o resultado da experiência tem sido enriquecedor, sendo comum encontrar depoimentos que referendam a percepção a respeito da mudança de visão, observada entre os discentes, sobre as potencialidades do meio. O Orkut, para alguns destes estudantes, passou a ser não mais apenas um espaço de entretenimento, para postagem de fotos e troca de recados. O espaço passou a ser compreendido por parte dos discentes como um potencial integrador entre diferentes realidades e compreensões de mundo. Possibilitando a relação de saberes, a rede social oportuniza aos seus usuários a integração, a discussão e a produção de um conhecimento novo, atualizado e em sintonia com as novas configurações do saber. A partir disso, do desenvolvimento desta percepção, o graduando do Campus Sertão da UFAL será um profissional atento a realidade que vive, com visão sociológica sobre a realidade que o abriga. Atendendo, desta maneira, aos objetivos propostos pelas inovações pedagógicas da interiorização da universidade.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadorias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 12ª reimpressão. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

FELINTO, Erick. **A religião das máquinas**: ensaios sobre o imaginário da cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2005.

KEEN, Andrew. **O culto do amador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.



LÉVY, Pierre. **As tecnologias da Inteligência** - O futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: Editora 34, 2004.

_____. **Cibercultura**. 2ª Ed. 7ª reimpressão. São Paulo: Ed. 34, 2008.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Para entender a comunicação**: contatos antecipados com a nova teoria. São Paulo: Paulus, 2008.